

A EXEGESE JUDAICA E O MOVIMENTO INTERIOR DO CORAÇÃO DO FARAÓ

Fernando Gross

Doutorando em Teologia pela PUC-SP, Mestre em Teologia pela PUC-SP, Especialista em Teologia e História Judaica pelo CCDEJ e, atualmente, professor no CCDEJ

RESUMO

Dentro das narrativas e tradições bíblicas pertencentes ao Livro do Êxodo (7-10), este artigo tem como tema o estudo de parte da exegese judaica a partir do *coração do faraó*. Tem como objetivo uma aproximação da teologia cristã com os ensinamentos da Igreja, desde o Concílio Vaticano II e os atuais documentos da Igreja sobre a importância de uma rica complementaridade, que nos permita ler juntos os textos da Bíblia hebraica e ajudar-nos mutuamente a desentranhar as riquezas da Palavra (*Evangelii Gaudium*, n° 249). Destacamos para isso a metodologia da aproximação do pensamento de sete exegetas judeus a respeito do que se reflete sobre o coração opressor do rei do Egito. Como resultados apresentamos o quanto importante é conhecermos a exegese judaica para uma melhor compreensão da exegese cristã, considerando as conclusões na necessidade do diálogo com o vasto patrimônio cultural e ético do qual herdamos em nossa identidade cristã, a partir da raiz santa da identidade judaica.

Palavras-chave: Torah; Judaísmo; Cristianismo; Coração do Faraó; Narrativas do Êxodo.

ABSTRACT

Within the biblical narratives and traditions belonging to the book of exodus (7-10), this article has as its theme the study of part of jewish exegesis from the heart of the pharaoh. it aims to bring christian theology closer to the church's teachings since the second Vatican Council and the current church documents on the importance of a rich complementarity that allows us to read together the texts of the hebrew Bible and help each other to unravel the riches of the word (*Evangelii Gaudium*, n ° 249). We highlight the methodology of approaching the thinking of seven jewish exegetes about what is reflected on the oppressive heart of the king of Egypt. As a result we present how important it is to know jewish exegesis for a better understanding of Christian Exegesis, considering the conclusions on the need for dialogue with the vast cultural and ethical heritage from which we inherit in our christian identity from the holy root of jewish identity.

Keywords: Torah; Judaism; Christianity; Pharaoh's Heart; Exodus narratives.

Considerações Iniciais

O que acontece de fato no interior desse órgão tão importante do *coração* de quem governava o Egito? O que podemos compreender dentro das narrativas e tradições bíblicas pertencentes no Livro do Êxodo sobre o conceito de livre-arbítrio e a responsabilidade do faraó sobre o evento Pascal da libertação dos Filhos de Israel daquela situação opressora em que viviam? O que nos falam a respeito disso a exegese judaica? Essas são algumas questões que se pretende responder nesse estudo a partir de uma aproximação de parte da exegese judaica a partir do *coração do faraó*. Isso é o que a Igreja nos pede desde o Concílio Vaticano II e os documentos do seu Magistério sobre a importância do diálogo com a rica experiência que os Judeus possuem de ler as Sagradas Escrituras.

Esse artigo tem como objetivo realizar um estudo sobre o que refletiram sete exegetas judeus sobre o movimento interior no coração do governante do Egito mencionado sobretudo nos capítulos 7 a 10 do Livro do Êxodo. A teologia cristã pode incluir a novidade dos estudos judaicos em sua reflexão? Não é isso que nos propõe os ensinamentos da Igreja desde o Concílio Vaticano II e os atuais documentos da Igreja sobre a importância de uma rica complementaridade que nos permite ler juntos os textos da Bíblia hebraica e ajudar-nos mutuamente a desentranhar as riquezas da Palavra (*Evangelii Gaudium*, n° 249)?

Este artigo quer, portanto, mostrar um exemplo da riqueza desse diálogo e o quanto perdemos com a desconfiança e o desconhecimento dos estudos judaicos. É preciso crescer nesse exercício dialógico com o vasto patrimônio cultural e ético do qual herdamos em nossa identidade cristã a partir da raiz santa da identidade judaica.

Desenvolvimento - Diversos comentários judaicos antigos e modernos

“Eu endurecerei o coração do faraó e multiplicarei meus sinais (milagres) e maravilhas na terra do Egito”¹

Estas palavras foram ditas a Moisés antes do conflito com o faraó e do início das 10 pragas: “elas tinham a intenção de informar a Moisés o curso dos eventos que iriam ocorrer

¹ Ex 7,3.

dali em diante”.² Sempre nos é dito que foi o próprio faraó quem obstinou o seu coração, por meio do livre-arbítrio:

E o coração do faraó se obstinou” (Ex 7,13); após a praga do sangue: “e se reforçou/fortaleceu o coração do faraó” (Ex 7,22); após as rãs: “e vendo faraó que havia descanso atribuiu peso ao seu coração” (Ex 8,11); após os piolhos: “e se reforçou/fortaleceu o coração do faraó”(Ex 8,15); após a mistura de animais nocivos, cobras e escorpiões: “Mas desta vez, de novo, o faraó tornou pesado o seu coração e ele não enviou o povo” (Ex 8,28); após a peste: “o coração do faraó tornou-se pesado e não deixou o povo sair (Ex 9,7).

Foi somente a partir da 6ª Praga, os furúnculos, que vemos o cumprimento da Divina Promessa feita a Moisés: “E reforçou/fortaleceu o SENHOR o coração do faraó, como Deus tinha dito a Moisés”³. Daqui em diante isso acontece após cada Praga: após os gafanhotos: “Porque eu atribuí peso ao coração dele e ao coração de seus servos”⁴; “Contudo, o SENHOR reforçou, fortaleceu o coração do faraó”⁵; e antes da Praga da Morte dos Primogênitos: “O SENHOR reforçou/fortaleceu o coração do faraó e ele não quis mais enviá-los”⁶

Esses textos sempre questionaram os comentadores e exegetas judeus ao longo dos séculos, porque parecem contradizer o princípio humano do livre-arbítrio, “*um princípio estabelecido do Judaísmo*”⁷, e que é um princípio estabelecido do Judaísmo⁸.

Vejamos como os comentadores judeus trabalharam a questão do livre-arbítrio e o endurecimento do coração do faraó.

Existe culpa por parte do faraó, já que Deus teria lhe tirado a possibilidade de mudar sua decisão. Se Deus endureceu o coração de quem governava o Egito, ele seria livre para decidir realmente? O comentador do Midrash a seguir expõe uma dessas reflexões sobre tais

² LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.149.

³ Ex 9,12.

⁴ Ex 10,1.

⁵ Ex 10,20.

⁶ Ex 10,27.

⁷ WIGODER, Geoffrey . *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*, 1996, p. 586-588.

⁸ Princípio filosófico e teológico para os judeus que confere ao indivíduo a possibilidade de agir por sua própria vontade e segundo suas próprias ações. Esse princípio no judaísmo foi discutido em todas as épocas e se confronta sempre ao conceito do determinismo, divino ou natural. Provindo da vontade individual, as ações humanas são, portanto, integralmente imputáveis ao seu autor.

atitudes de Deus e do faraó: *“Pois Eu endureci o seu coração”*⁹ – Disse Rabi Yohanan¹⁰: *Isso permite uma abertura para que os hereges possam dizer: A ele (faraó) não foi permitido por Deus arrepender-se!*¹¹.

Ramban¹² coloca a questão de modo claro: “Se o Senhor endureceu seu coração, então qual foi afinal seu crime?” Lembraremos algumas das respostas de exegetas e comentaristas judeus.

SHADAL¹³

A posição de cada um dos próximos sete pensadores judeus indicará para nós como a tradição judaica refletiu sobre o coração opressor do faraó.

Saiba que todos os atos são atribuídos a Deus, já que Ele é a sua última causa, algumas por absoluto decreto, e outras através da operação da escolha humana garantida por Ele... No sentido que Ele é o autor de todos os atos, Ele endureceu o coração do faraó.¹⁴

Nesse caso, nós poderíamos nos perguntar, por que afinal a Torah não atribui tudo o que acontece, não ao seu imediato autor, mas diretamente para o último e único Deus? Seria Deus realmente o responsável e não o faraó pelo seu endurecimento? Shadal é cuidadoso em colocar essa objeção:

Os atos atribuídos a Deus nas Escrituras são aqueles que não são comuns, as suas causas estão para além do nosso entendimento. A obstinação do faraó foi um exemplo disso, desde a sua persistente recusa em prestar atenção aos prodígios das pragas já foi um assunto para se admirar. Compare a citação de Deuteronômio 29,3: 'Contudo, até o dia de hoje o SENHOR não vos tinha dado um coração para compreender, olhos para ver e ouvidos para ouvir'.¹⁵

⁹ Ex 9,1.

¹⁰ Rabi Yohanan bar Nappaha (180-279 d.C.) foi rabbi na época nascente do Talmud. Nascido na Galileia e ensinado pelo próprio Yehudah Ha Nasi nos caminhos da Torah, a qual estudou e ensinou diligentemente por toda a sua vida. Considerado o maior rabbi na terra de Israel.

¹¹ Shemot Rabbah 13,4.

¹² Ramban, abreviação de Rabi Moshe ben Nachman, ou Nachmânides (1194-1270), um rabino catalão, médico e grande conhecedor da Torá.

¹³ Shadal, abreviação de Samuel Davi Luzzatto, era professor de italiano, poeta e membro do movimento de Estudos Judaicos (1800-1865).

¹⁴ FIELDS, Harvey J. *La Torah commentée pour notre temps. L'Exode et Le Levitique*. 2015, p. 36.

¹⁵ LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.151.

No entender de Shadal, no entanto, a frase “Contudo, o SENHOR reforçou, fortaleceu o coração do faraó”¹⁶, não implica que o Senhor tenha destituído o faraó da sua liberdade de ação, quando na verdade Ele impediu-o de emendar-se de seus caminhos. Não houve interferência com o processo de arrependimento no qual todo ser humano está implicado. Apenas nos é apresentado o caminho das Escrituras em nos descrever a própria obstinação e incorrigibilidade do faraó.

CASSUTO¹⁷

Cassuto Rambam destaca aquilo que os textos aparentam de contradições sobre a questão do livre-arbítrio, reconhecendo que tomam por violência este princípio do judaísmo. O autor tratará desta questão na introdução do seu oitavo capítulo sobre os Ditos dos Pais¹⁸ e nas leis do arrependimento. Como são palavras chaves e importantes para o ouvinte-leitor para a melhor compreensão sobre o livre-arbítrio, transcrever-las-emos a seguir:

A primeira solução é o caminho que o antigo Hebraico se expressa a si mesmo. Em uma mulher estéril se dizia: ‘O SENHOR fechou o seu útero’ (1Sm 1,5); num acidente no qual uma pessoa mata sem intenção outra está escrito: ‘mas se não lhe fez emboscada, Deus permitiu que caísse em suas mãos’ (Ex 21,13). Todo acontecimento tem um número de causas, e essas causas, por sua vez, tem outras causas, e assim *ad infinitum*; de acordo com a concepção judaica, a causa das causas era a vontade de Deus, o Criador e o Governador do mundo. Agora o filósofo examina o longo e complexo elo de causas, enquanto a pessoa comum pula diretamente do último efeito para a primeira causa e atribui à última diretamente a Deus. Isto, agora, é como a Torah emprega idiomas humanos e expressa a si mesma. Consequentemente, a expressão, “mas Eu reforçarei o seu coração” é, em última análise, o mesmo como se estivesse escrito: “mas seu coração será obstinado”. Na continuação da narrativa, as frases como “E o SENHOR reforçou o coração do faraó” alternadas com “E o coração do faraó se obstinou” podem ser trocadas entre si, porque o seu significado essencial é idêntico”.¹⁹

¹⁶ Ex 10,20.

¹⁷ Umberto Cassuto (1833-1951), rabino italiano, sucessor de Samuel Hirsch Margulies como diretor do Seminário Rabínico de Florença. Grande estudioso da Bíblia, expulso da Universidade de Roma com as leis raciais em 1939, lecionou na Universidade hebraica de Jerusalém até sua morte em 1951. Autor de muitas obras sob o pseudônimo de Moshe David Cassuto, nome de seu avô.

¹⁸ (*Pirket Avot*).

¹⁹ LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.152.

Cassuto parece ignorar seu próprio cuidado em perceber as nuances e variações dos textos bíblicos. Parece confundir e igualar o passivo “O coração do faraó se obstinou”²⁰ com o ativo “O SENHOR reforçou o coração do faraó”²¹.

ALBO²²

Outra aproximação do nosso estudo sobre o que acontece de fato com o *coração do faraó* nos é apresentado por Albo no seu clássico livro filosófico chamado *Sefer Ha-Ikkarim*:²³

O homem mau se torna piedoso e retorna para o SENHOR quando o golpe recai sobre si – fora do medo da retribuição, como no caso do faraó que disse: ‘O SENHOR é justo. Eu e meu povo somos maus’ (Ex 9,27). Mas isso lembra mais um ato de compulsão e não de livre vontade. E por isso o SENHOR reforçou ainda mais seu coração, para que ele imaginasse que a praga fosse meramente acidental antes do que providencial. Isso se deu para suprimir os amedrontadores efeitos da própria praga, deixando seu livre-arbítrio sem a influência de nenhuma compulsão. Somente assim poderia se demonstrar se seu arrependimento era livremente motivado. Deste modo, os portões do arrependimento estarão sempre fechados diante da face do malvado. Mas longe do Altíssimo Deus o recusar ao homem o direito da sua livre escolha para o bem! Pelo contrário, a Escritura atesta: ‘Eu não sinto prazer na morte de ninguém que morre – oráculo do SENHOR Deus. Converti-vos e vivereis!’²⁴

Albo reforça, portanto, a necessidade do livre-arbítrio não estar motivado por outros elementos momentâneos, mas unicamente pelo arrependimento consciente. A conversão sincera produzirá sempre a vida!

²⁰ Ex 9,7.

²¹ Ex 9,12. Os verbos utilizados na língua original em Hebraico são diferentes entre Ex 9,7 – raiz verbal dbk obstinou, pesou, tornou pesado o seu coração e a raiz verbal QZX tornou forte, reforçou, fortaleceu o coração do faraó. Isso demonstra a necessidade também do estudo das línguas originais em que os textos bíblicos foram escritos para um melhor diálogo e a correção de traduções que neste caso “nivelaram” significados profundos e diversos dos termos utilizados na redação original.

²² Joseph Albo (em torno de 1360 – 1444) foi um filósofo judeu que viveu na Espanha. Discípulo de Hasdai Crescas. O seu amplo conhecimento cobria os domínios do pensamento judaico, tanto bíblico como rabínico e filosófico. Era igualmente versado na filosofia islâmica e na escolástica cristã, sobretudo através dos escritos de Tomás de Aquino.

²³ *Livro dos Princípios*.

²⁴ LEIBOWITZ, op. cit. p. 152.

SFORNO²⁵

Outro exegeta judeu, Sforno, adota a mesma citação bíblica em Ezequiel relacionando o desejo Divino de que o ser humano se arrependa dos seus caminhos:

O Altíssimo Deus enviou as pragas para estimular os egípcios ao arrependimento... e não há dúvidas de que, se o faraó não tivesse obstinado o seu coração, ele teria deixado os filhos de Israel partirem, mas sua ação não teria sido motivada por um sincero arrependimento e submissão à vontade Divina, mas simplesmente para não mais ter de submeter-se ao sofrimento das pragas, assim como seus servos o intimaram: 'Não sabes ainda que o Egito está destruído?'. Mas isso não teria de fato constituído seu verdadeiro arrependimento. Tivesse o faraó desejado submeter-se a Deus e sinceramente retornado a Ele, nada disso teria ocorrido no seu caminho. Mas Deus reforçou o seu coração, fortaleceu sua resistência para permitir a ele que aguentasse as pragas e detivesse a partida dos filhos de Israel: 'para que eu mostre os Meus sinais no meio deles', para que eles possam, desse modo, reconhecer Meu poder e bondade e voltar para Mim em verdadeiro arrependimento.²⁶

Sforno comenta sobre essa interpretação sobre o fortalecimento do coração, que implica resistência para suportar o sofrimento. Contudo, esta não é uma opção do seu livre-arbítrio, mas, pelo contrário, o reforço do coração em questão para a não remoção do obstáculo e para a sua decisão irrestrita de voltar-se para o verdadeiro Deus.

RAMBAM²⁷

Rambam destaca aquilo que os textos aparentam de contradições sobre a questão do livre-arbítrio, reconhecendo que tomam por violência este princípio do judaísmo. O autor tratará desta questão na introdução do seu oitavo capítulo sobre os Ditos dos Pais²⁸ e nas leis

²⁵ Sforno, Obadiah Ben Jacob (em torno de 1470 – em torno de 1550). Comentarista da Bíblia, filósofo e médico nascido em Cesena, na Itália. É considerado uma das maiores autoridades rabínicas da cidade por seu saber talmúdico e sua maestria sobre questões haláckicas. Ele ensinou o hebraico a Johannes Reuchlin, o famoso humanista cristão, de 1498 a 1500.

²⁶ LEIBOWITZ, op. cit. p. 153.

²⁷ Rambam é o nome dado ao grande pensador Moshe ben Maimon ("Maimônides"). Nasceu em 1135 em Córdoba e faleceu em 1204 no Egito. Foi um judeu sefardita, filósofo e astrônomo e se tornou um dos mais importantes e influentes professores de Torah e de ciências físicas da Idade Média. Seus quatorze livros de comentários da Torah (*Mishneh Torah*) e a sua obra o Guia dos Perplexos ainda continuam importantes hoje na codificação das leis do Talmud. É chamado a Grande Águia em reconhecimento ao seu entendimento e exposição da Torah Oral.

²⁸ (*Pirket Avot*).

do arrependimento. Como são palavras chaves e importantes para o ouvinte-leitor para a melhor compreensão sobre o livre-arbítrio, transcrever-las-emos a seguir:

Existem muitas passagens nas Escrituras que parecem contradizer o princípio do Livre-Arbítrio e muitos se deixaram enganar pelo seu conteúdo. Eles imaginam que o Santo Deus predestine o homem para o bem ou para o mal. Eu, no entanto, fornecerei uma chave para a compreensão dessas passagens. Quando um homem peca por própria conta, ele é punido... algumas vezes neste mundo, outras no Mundo Vindouro, e algumas vezes em ambos. Quando isso se aplica? Quando ele não se emenda. Mas se ele se corrige, o arrependimento é um antídoto para essa retribuição. Assim como os pecados foram de sua própria opção, assim também o é o arrependimento.

Mas acontece algumas vezes que a ofensa do homem seja tão grave que ele acaba sendo penalizado em não lhe ser mais concedido a oportunidade de voltar atrás da sua perversidade, assim sendo ele morre com o pecado que ele cometeu. (...) Confira também 2Cr 36,16: 'Mas eles zombavam dos mensageiros de Deus, desprezavam as suas palavras, e riam dos seus profetas, até que a ira de Deus se desencadeou sobre Seu povo e não houve mais remédio'. Em outras palavras, eles pecaram por sua própria e livre vontade, até que eles mesmos confiscaram de si mesmos a oportunidade do arrependimento, o qual é o clássico remédio.

Para esse fim, a Escritura afirma também: "E eu endurecerei o coração do faraó". Ele pecou, primeiro por sua livre vontade... até que ele mesmo retirou de si a oportunidade de se arrepender.(...) Nós podemos, portanto, concluir que não foi Deus quem forçou o faraó a fazer o mal a Israel, ou Seom para cometer iniquidades na sua terra, ou os cananitas a adotarem práticas abomináveis, ou nem mesmo forçou Israel a servir aos ídolos. Todos eles pecaram por suas próprias sugestões, perdendo o direito ao arrependimento.²⁹

A explicação de Rambam, num primeiro momento, pode parecer contraditória. O autor havia formulado o princípio absoluto do Livre-arbítrio nas suas leis de arrependimento no seu Código do Judaísmo:³⁰

Ninguém força, predestina ou obriga alguém a seguir um destes dois caminhos – ele somente é o único árbitro. De sua própria vontade ele se inclina para qualquer caminho que ele queira seguir. Este é um princípio fundamental do judaísmo – o homem é absolutamente livre para executar qualquer ação – seja ela má ou boa.³¹

²⁹ LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.154-155.

³⁰ (*Mishné Torah* 5,2-3).

³¹ LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.156.

Se assim for, como poderia então Deus retirar da própria vontade do faraó o poder de arrepender-se? Quem sabe com um olhar mais atencioso isso se clarifique. A decisão final sempre permanece com o homem. No início, contudo, o homem é livre para escolher qualquer caminho de ação que ele desejar. A ele é oferecido uma igual oportunidade para o bem ou para o mal, mas tão logo ele tenha feito a sua primeira escolha, então as oportunidades diante dele já não são mais assim tão balanceadas. Quanto mais ele insista no primeiro caminho escolhido, digamos, o mau caminho, mais duro se torna para ele retomar o bom caminho. Em outras palavras, não é o Senhor Deus que lhe dificultou sua liberdade, e tornou o caminho do arrependimento difícil para ele. Ele mesmo, por sua própria escolha e persistência no mal, colocou para si obstáculos no caminho de volta para se emendar.

Rambam continua:

Os justos e os profetas sempre pediram ao SENHOR Deus para ajudá-los a se manterem no verdadeiro caminho: “Ensina-me o teu caminho, SENHOR” (Sl 27,11). Não permita que meus pecados me separem do verdadeiro caminho, através do qual eu possa conhecer Teu caminho e a unidade do Teu Nome. Cf. Salmo 51,12: e um espírito novo, pronto a obedecer”. Em outras palavras, deixe que meu espírito realize a Tua vontade e não deixe meus pecados me levarem à recusa ao arrependimento. Mas deixe que a iniciativa permaneça sempre comigo, para me tornar capaz de voltar atrás e entender e conhecer o caminho da verdade...

Não foi a isso a que Davi se referiu quando disse: “Bom e justo é o SENHOR; por isso mostra o caminho aos pecadores. Conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho” (Sl 25, 8-9). Deus mesmo enviou profetas para divulgar os caminhos do SENHOR e chamar o povo ao arrependimento. Além disso, ele deu a eles o entendimento de quanto mais um homem é atraído para os caminhos da sabedoria e da justiça, ele os desejará mais e mais cultivá-los e permanecer neles. Para isto os nossos Sábios referem-se nos seus escritos: “aquele que procura purificar-se a si mesmo, é ajudado pelo Alto” implicando que ele vai encontrar o seu caminho aplainado.³²

Rambam ressalta nessas linhas o recíproco das relações entre o ser humano e o próprio Deus. Deus não forçou o faraó a escolher um mau caminho. Foi uma opção do faraó e, uma vez que ele persistiu no caminho das suas ações, isso se tornou para ele mais difícil de resistir. Deus construiu essa resposta, por assim dizer, dentro da própria construção que o homem

³² LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.156-157.

fez. Quanto mais um homem peca, mais os seus pecados se tornam uma barreira entre ele e o arrependimento.

Olhemos para um ditado rabínico citado pelo próprio Rambam:

Disse Resh Lakish³³: Qual é a força do texto (Pr 3,34): “Dos zombadores ele vai zombar, mas aos humildes ele vai mostrar o seu favor”. Se ele tentar se contaminar vai ser lhe dado uma abertura; se ele tentar se purificar a si mesmo ele é ajudado pelo alto”.³⁴

RASHI

Rashi ³⁵ sobre isso aponta claramente em seu comentário:

“Se para os zombadores, ele vai desprezar”: ele vai desprezar por sua própria iniciativa: Ninguém vai encorajá-lo e ninguém vai detê-lo. “Para os humildes” se ele se sente atraído por uma qualidade moral “Ele irá mostrar seu favor”, ele será ajudado pelos Céus. Se ele tenta se contaminar, se lhe abre uma oportunidade; se ele tenta se purificar a si mesmo, ele é ajudado pelo Alto e uma oportunidade é preparada para ele.

Disse Resh Lakish: Qual é a força do texto (Pr 3,34): 'Dos zombadores ele vai zombar, mas aos humildes ele vai mostrar o seu favor'. Se ele tentar se contaminar vai ser lhe dado uma abertura; se ele tentar se purificar a si mesmo ele é ajudado pelo alto” (Shabbat 104a). E ele mesmo como Sábio do Talmud responde à questão do Rabbi Yohanan: O Santo Deus espera pelo homem uma, duas e uma terceira vez, mas não mais. Ele fecha seu coração ao arrependimento a fim de exigir punição para seu pecado. Assim também para o perverso faraó: O Santo Deus deu a ele cinco chances, mas ele não lhe deu atenção alguma. Diante disse o Santíssimo Deus disse: Tu endureceste teu pescoço e obstinaste o teu coração. Eis então que Eu vou acrescentar mais degradação junto à tua degradação.³⁶ Portanto, com os zombadores Ele desprezará toda possibilidade ao arrependimento, pois este arrependimento não foi sequer considerado por eles.

³³ Shimon ben Lakish foi um mestre Amoraíta mais famosos da segunda geração, que viveu no século III d.C. Foi um dos gigantes do estudo da Torah.

³⁴ *Shabbat* 104a

³⁵ Rashi, acrônimo de Rabbi Chlomo Yitschaki (Salomon Ben Isaac) (1040-1105). Foi eminente comentador judeu da Bíblia e do *Talmud*. Sua principal contribuição se dá no campo da exegese metodologicamente baseada nos procedimentos gêmeos do *pechat* e do *derach*; o primeiro se define como o sentido óbvio, o segundo procura encontrar um sentido mais profundo do texto para ilustrar, revelar uma lei ou uma postura ética. Todo os seus comentários são ricos em *derach* eo folclore *midráshico* fornecendo sempre uma nova dimensão à interpretação do texto. Sua influência não se restringiu somente ao judaísmo. Nicolas de Lyre, frade franciscano (1270-1340) lia Rachi no texto original – hebraico – e no seu próprio comentário bíblico, cita frequentemente Rachi. Cf. Bouquins, *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme.* (verbete *Rachi*)

³⁶ *Shemot Rabbah* 13,4.

Rashi demonstra portanto, em seu comentário, toda as possibilidades oferecidas e rejeitadas livremente antes do decreto divino da sua punição. Mas o faraó não prestou e nem deu atenção ao que devia dar atenção, não considerou as palavras do SENHOR Deus que lhe foram oferecidas.

HIRSCH³⁷

Muitos séculos antes, o próprio Sábio do Talmud Resh Lakish responde à questão do Rabbi Yohanan e parece ter uma explicação semelhante à proposta dada pelo Rabbi Hirsch:

Se Deus movia todas as fichas e faraó não tivesse livre-arbítrio, o soberano egípcio não poderia ser responsabilizado pelas suas escolhas. Isso significaria então que nenhum de nós é verdadeiramente livre e os atos que nós acreditamos ser inspirados pelo amor ou pelo ódio, a generosidade ou o egoísmo, a justiça ou a indiferença não são nada mais que ilusão. Seria isso que a Torah nos ensina quando fala que Deus “endureceu o coração do faraó?”, pergunta Rabbi Yohanan ao seu cunhado Rabbi Simeon ben Lakish, companheiro de estudo e amigo próximo.

“Deus – explicou Resh Lakish – ofereceu ao faraó muitíssimas ocasiões para mudar seu ponto de vista e permitir aos filhos de Israel para deixar o Egito. As pragas foram enviadas com a finalidade de advertências na esperança que o faraó, tomado pelo arrependimento, libertasse os escravos: Tendo Deus avisado por cinco vezes e ele ignorado e continuado a obstinar-se em seu coração, então Deus lhe disse: Eu vou acrescentar mais dificuldades àquelas que você criou por si mesmo”.³⁸

Aqui está, dessa maneira, o que a Torah nos ensina sobre o que ela menciona *o coração fortalecido, o coração obstinado, ou o coração endurecido* do faraó. Foi a própria teimosia do faraó que agiu sobre seu próprio coração não prestando atenção ao que devia pensar e mudar. Assim, é o ser humano por si mesmo quem escolhe, quem abre ou se obstina em seu coração. O Senhor Deus o ajuda em seu caminho, mas a ajuda positiva proporcionada ao homem bom não é comparável com a passiva assistência dada de modo a remover os obstáculos levantados por si mesmo, tendo ele escolhido o mau caminho.

³⁷ Rabbi Samson Raphael Hirsch (1808-1888) foi um rabbi alemão conhecido como o intelectual fundador da Escola *Torah im Derech Eretz*, contribuindo para o desenvolvimento do Judaísmo Ortodoxo.

³⁸ FIELDS, Harvey J. *La Torah commentée pour notre temps. L'Exode et Le Levitique*. 2015, p. 38.

Considerações diversas sobre o coração do faraó

O psicanalista moderno, filósofo e sociólogo alemão Erich Fromm (1900-1980) entrou em contato com essa análise dos exegetas judeus, sobretudo a de *Rambam Maimônides*. Compreendeu que a Torah, ao descrever os ocorridos relacionados ao *coração do faraó*, está na verdade descrevendo “uma das leis fundamentais do comportamento humano”.³⁹ Cada ato mau tende a endurecer o *coração* humano, mortificando-o e envenenando-o. Por sua vez, cada ato bom tende a adocicá-lo, a torná-lo mais vivo.⁴⁰

Quanto mais o *coração* humano torna-se pesado, menos ele será capaz de liberdade para mudar e cada vez mais se tornará determinado, dependente diríamos, das suas ações precedentes. Ocorre então o ponto de *não-retorno*, quando o *coração* do ser humano está tão empedernido e tão insensível que ele perdeu toda a capacidade de fazer escolhas livres e que ele está forçado a continuar sobre o mesmo trilho até o fim irremediável – aquele que em última análise – o conduzirá para a sua própria destruição física ou espiritual.⁴¹

Assim, a primeira escolha do faraó em continuar as perseguições e a opressão contra os filhos de Israel foi lhe conduzindo finalmente até a esse “ponto do não – retorno”⁴². Talvez ele tenha pensado que cedendo às “exigências” do povo, os hebreus e também os egípcios concluiriam a sua incapacidade de administrar e se rebelassem. Implica, dessa maneira, no raciocínio de quem é inseguro e fecha-se à realidade que clama por liberdade e por vida digna.

O faraó, que pensava que dominava o universo inteiro, na verdade estava dominado pelo medo do fracasso, incapaz de desenvolver soluções criativas diante dos seus problemas. A consequência é que o faraó acaba vítima de sua soberania tirana. Isso é trágico em todo sistema político surdo à voz dos que sofrem, uma vez que o líder tirano acaba por escolher o caminho da descida em uma ladeira íngreme, impossibilitado de parar e evitar catástrofes para si e a seu redor.

³⁹ FROMM, Erich. *You Shall Be as Gods*, 1966, p. 101. Citado em FIELDS, Harvey J. *La Torah commentée pour notre temps. L'Exode et Le Levitique*. 2015, p. 39.

⁴⁰ FIELDS, op. cit. p. 39.

⁴¹ FROMM, op. cit. p.101.

⁴² FIELDS, op. cit. p. 39.

Além disso, outro ponto merece ainda ser examinado. Um *midrash* comentava que “faraó gostava de contar vantagem dizendo que ele mesmo era um deus”⁴³. Ele tinha poder de dispor sobre a vida de quem quer que fosse no seu tempo e comandava inumeráveis exércitos capazes de fulminar quem quer que tentasse se revoltar contra sua soberania. Ele exercia, através de seus comandantes, poder de vida e de morte sobre milhares de escravos obrigados a lhe construir as cidades de Pithom e Ramsés. O *coração do faraó* acreditava ser indestrutível, de modo que ninguém poderia lhe vencer ou arruinar os seus planos.⁴⁴

Já que ele acreditava que era um deus, dez pragas se abateram sobre ele. E o que o *faraó* dizia? “O Nilo é meu! Eu o fiz para mim!”⁴⁵ Por causa dessas palavras e do seu modo de pensar sobre si mesmo, Deus lhe oprimiu com as pragas. Nesse sentido, podemos dizer que o objetivo das pragas acabou também por ser um meio pedagógico: “levar ao conhecimento de Deus àqueles que se recusavam em reconhecer o Seu poder”.⁴⁶

Todas as pragas relatadas pela Torah descrevem essas tentativas repetidas para quebrar o *coração* arrogante do faraó e para que ele aprendesse a conhecer ao Senhor Deus. Seria como perceber, diante de um grande panorama ao olhar para todos os relatos das pragas do Êxodo, que se trata de um confronto entre a vontade de Deus reconhecido exclusivamente pelos filhos de Israel e a vontade de um tirano opressor. Assim, as pragas, a derrota humilhante e o fim vergonhoso daquele que pensava ser o Rei Deus constituíram como uma saga destinada a inspirar o desprezo para com o paganismo egípcio.⁴⁷

O faraó foi vencido, todo o seu exército e sua arrogância não foram suficientes para impedir a sede de liberdade que Deus tinha colocado no *coração* dos filhos de Israel. Quanto mais o faraó e todo o seu sistema opressor se brutalizava, mais crescia a sua determinação de serem livres, conforme o desejo soberano e perene de Deus para eles e para todos os povos da terra.

A cada vez que o faraó tinha uma chance de deixá-los partir para não mais sofrer o golpe das pragas, ele acreditava a si mesmo ter feito acordo com escravos inferiores a ele, repulsivos e indignos e seu *coração* se obstinava. O orgulho de querer ser mais do que os outros, de conceder ajuda a quem não é importante como ele mesmo era, seu orgulho e

⁴³ Êxodo Rabba 8,2.

⁴⁴ Shemot Rabba 8,2.

⁴⁵ Ez 29,3.

⁴⁶ LEIBOWITZ, Nehama. *New Studies in Shemot - Exodus*, 1996, p.170-177.

⁴⁷ SARNA, Nahoum M. *Exploring Exodus: The Heritage of Biblical Israel*, 1986, p. 80.

vaidade lhe entorpeciam, cerravam as muralhas para o diálogo e a realidade exterior. A vaidade do coração do faraó foi o seu próprio carrasco, que o matou.

Por sua vez, a sede de liberdade que Deus havia semeado nesses oprimidos era mais forte que a obstinação de quem oprime. Esse desejo de liberdade não poderia ser quebrado por ele e o faraó nada podia contra esse projeto libertador. Deus, dessa maneira, decidiu dar uma lição ao faraó e a todos os que ouvirem nas gerações futuras falar desse soberano opressor do Egito. A partir desse momento, Deus iria endurecer ainda mais seu *coração* obstinado. E a esse e a muitos soberanos que se arvoram serem um deus e que fizeram e fazem tanto mal a tantas criaturas e seres humanos pelo seu louco modo de governar, tudo isso acabará sendo destruído. Deus revelará a sua derrota diante de todos e demonstrará que o Deus da liberdade sempre vence todas as batalhas contra a opressão.

Assim, essa história das pragas e do *coração* do faraó não nos interessa tanto por considerar se os seres humanos são livres ou não de suas escolhas, mas sim o reconhecimento de o confronto entre aqueles que pretendem ser um deus e o próprio Deus. No confronto entre aqueles que pretendem governar o mundo e Deus, vence sempre Deus, que liberta o mundo e os povos de todos os projetos que cerceiam a liberdade e a dignidade humanas.

Será sempre a vitória do Deus de Israel que deseja e ordena tudo e todas as coisas para a liberdade, a justiça e a digna vida para cada ser humano. Nenhum soberano desse mundo tem o direito de moer aqueles que governa, e nem de reduzi-los a escravos. A obstinação do *coração do faraó* e as pragas milagrosamente enviadas para afligi-lo colocam em destaque o poder do Deus libertador. Para a Torah, nenhum faraó com obstinado *coração*, nenhum soberano, nenhuma instituição conseguem deter a vontade de Deus de libertar os seres humanos. Essa vontade para sempre triunfará, pois Deus quer que todos sejamos livres!

As fontes rabínicas aqui apresentadas procuraram demonstrar a seriedade de como devemos nos aproximar da narrativa bíblica e de como ela deve ser abordada. “Longe das histórias imaginárias, a Torah descreve eventos reais envolvendo seres humanos reais. A redenção é um processo que envolve tanto o tempo quanto uma gradualidade”.⁴⁸

Existe sim uma relação profunda entre a Tradição Judaica e sua Oralidade que demonstrou ser capaz de suportar e prolongar a Escritura Sagrada dando-lhe gosto e vida: o que chamamos de Torah Haim! A Torah Viva!

⁴⁸ GOLDIN, Shmuel. *Unlocking the Torah Text, and In-depth Journey into the Weekly Parasha, Shemot*, 2008, p. 64.

Para ser verdadeiramente livre, os escravos israelitas precisaram testemunhar a total destruição de tudo o que antes lhes era pesado como que um grilhão. Somente se o Egito, seus cidadãos, sua realeza, seus feiticeiros e seus deuses fossem derrubados, os filhos de Israel e todos os participantes do Êxodo poderiam começar a sua jornada em direção à verdadeira liberdade.

Passo a passo, as pragas enviadas por Deus foram destruindo tudo aquilo que os filhos de Israel aprenderam a temer. Como as algemas foram quebradas, a promessa de liberdade começa a emergir.⁴⁹

Vale considerar que a solidão e a amargura pelas quais muitas pessoas ainda passam e gemem hoje:

A dura escravidão que existia no Egito (e ainda hoje), é sempre significado da ausência de palavra e de som, em total silêncio. A Redenção começa quando começa a existir o som, mas a palavra ainda é ausente. Finalmente, quando ocorre a constatação de ambos, som e palavra, a redenção alcança sua total realização”.⁵⁰

Há beleza na sensibilidade do quadro da escravidão que Arnold Lustiger nos apresenta no seu comentário sobre o livro do *Êxodo*. A relevância está no cultivo pessoal dessas mensagens para não ensurdecermos ante o sofrimento alheio:

Antes de Moisés aparecer não havia uma única palavra. Nenhuma denúncia era apresentada, nenhum grito era proferido. Os homens fazem silêncio quando são impiedosamente torturados pelos feitores. A tortura já era dada como certa. E eles pensavam que era assim que iria acontecer sempre. A dor não se precipitava sobre o sofrimento, pois eles não tinham conhecimento de qualquer necessidade. Quando Moisés apareceu, o som, ou a voz, começou a existir em meio a essa escravidão. Moisés, ao defender os judeus indefesos, restaurava a sensibilidades aos macerados escravos. De repente, eles se deram conta que toda aquela dor, angústia, humilhação e crueldade, toda a ganância e intolerância de um ser humano frente a outro ser humano como ele, é má, ruim. O morto silêncio da não existência tinha ido embora; a voz da humana existência era agora ouvida.⁵¹

Moisés, sem dúvida, realizou essa mudança obedecendo a um projeto divino. Colocou seu *coração* na Palavra de Deus e no projeto de formar um povo, de estimular um modo novo

⁴⁹ GOLDIN, op. cit. p. 65.

⁵⁰ LUSTIGER, Arnold. *Chumash with commentary based on the teachings of Rabbi B. Soloveitchik*, 2014, p. 53.

⁵¹ LUSTIGER, op. cit. p. 53.

de convivência, a partir de uma Palavra Sua que será revelada e entregue para orientar os passos desse povo e de toda humanidade. Mas o *faraó* não colocou seu *coração* nisso:

Faraó não somente pecou contra o povo judeu, mas também contra o seu próprio povo, os egípcios, e contra o mundo inteiro. Sua obstinação levou à morte em última análise também o primogênito egípcio.⁵²

Contudo, surge a impressão de que o *faraó*, com a sua insistência num raciocínio *duro* e *pesado* em relação à proposta dos israelitas saírem do Egito, entre numa dinâmica que acentua cada vez mais catástrofes para si mesmo e para o seu povo. Por sua vez, todas as ações tirânicas estimulam a ascensão de outra possibilidade de se realizar o projeto do êxodo.

Na impossibilidade do *faraó* aceitar esse projeto, por raciocinar e descobrir a necessidade dos oprimidos recuperarem a sua liberdade, *não pondo o seu coração* no que deveria pô-lo, sobre o caminho de conseguir o almejado através de acontecimentos catastróficos, sendo que estes podem derrubar todos aqueles que *obstinam o seu coração*. Ou, em outras palavras, caso o convite à conversão for rejeitado, Deus pode permitir que o opressor, através de sua falta de compreensão, se autodestrua. Enfim, justamente dessa forma, o Senhor Deus de Israel respeita mais uma vez o livre arbítrio da pessoa.

Aliás, esse processo pode ser experimentado ainda hoje:

Todos os homens perversos agem como o faraó. Quando Deus lhes envia um castigo, prometem melhorar. Mas quando termina o sofrimento, esquecem por completo da decisão de serem bons e se arrependem. Esta é a lição do faraó: como não devemos agir!⁵³

A história do êxodo apresenta o Senhor Deus de Israel como não disposto a negociar a liberdade dos oprimidos, no caso, dos filhos de Israel. Ao opressor não é permitido insistir, de forma definitiva, na opressão dos que subjuguou ao seu poder. Pelo contrário, o faraó há de pôr seu coração na liberdade de quem é oprimido por ele. Caso contrário, ao insistir na obstinação do seu coração, o Senhor Deus dos oprimidos pode até contribuir com tal endurecimento, sendo que assim se aproxima a catástrofe e a autodestruição de quem se obstina.

O livre-arbítrio e a capacidade de arrependimento são presentes de Deus na nossa vida; mas esses podem ser tomados como propriedade perene e eterna para nós? Estar atentos à

⁵² LUSTIGER, op. cit. p. 39.

⁵³ GROSS, Fernando. *O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga*, 2014, p. 277.

voz da Palavra e de Deus pode ser um convite efetivo à prática da justiça para que esses valiosos presentes não sejam levados embora um dia?

Segundo o autor Rabbi Yosef Stern: *“não há praga ‘maior’ do que a negação do livre-arbítrio”*⁵⁴. Faraó tinha sido insistentemente chamado, praga após praga, a reconhecer os sinais e a grandeza de Deus e anunciar isso a toda a humanidade. Mas o que faraó anunciou à humanidade e à muitíssimas gerações após ele foi a total falência do seu modo tirano e opressor de governar que conduziu a si mesmo e ao redor a uma destruição total, justamente por essa incapacidade de colocar seu *coração* naquilo que devia colocar, e agir em consequência dessa percepção real do mundo e da grandeza do Senhor Deus. Deus poderia simplesmente ter esmagado todos os inimigos, mas por que não o fez? Por que poupou o faraó em todas as pragas? Mais uma vez fica comprovado que Deus queria que ele conhecesse os Seus caminhos, estava mais interessado no seu arrependimento, não na sua morte. Mas nem ele, nem seus servos colocaram no *coração* à disposição da palavra do Senhor.

Lembremos do que está dito em *“meterei o pânico no coração daqueles que de vós restarem na terra dos inimigos”*.⁵⁵ O que ocorreu com o faraó foi justamente esse *“fortalecimento das artérias espirituais caracterizado pela falta de medo e a subsequente inabilidade de arrepender-se”*⁵⁶.

Se perdermos a capacidade de ouvir essa voz de Deus também nós hoje corremos o risco de sofrer essas pragas físicas e doenças espirituais, como está escrito: *“Se descuidares de pôr em prática todas as palavras desta Lei, escritas neste livro, temendo este Nome glorioso e terrível, o Nome do SENHOR teu Deus, o SENHOR tornará terríveis as pragas contra ti e tua descendência: serão flagelos enormes e permanentes, enfermidades graves e persistentes. Ele te lançará todas as doenças do Egito, que tanto temias, e elas te contagiarão”*⁵⁷.

De acordo com essas interpretações, a Torah não desconsidera que nem os filhos de Israel estão imunes de sofrerem as doenças físicas do Egito. A tradição de Israel afirma, porém, que a pior doença, a inabilidade do arrependimento, nunca será suportada pelos que colocam no *coração* a palavra do SENHOR. Não esqueçamos o término do versículo: *“pois Eu Sou o SENHOR que te cura”*.⁵⁸

⁵⁴ STERN, Yosef. *Chasam Sofer. Commentary on the Torah. Shemot*, 1996, p. 49.

⁵⁵ Nm 26,36.

⁵⁶ STERN, op. cit. p.101.

⁵⁷ Dt 28, 58-60.

⁵⁸ Ex 15,26.

Mais uma vez usando o recurso exegético das Escrituras, se Deus se autodefine como Aquele que cura, mesmo quando as doenças físicas do Egito recaiam sobre nós, a capacidade de arrependimento não será afetada, pois Deus pode nos curar através do arrependimento, como está escrito: “O SENHOR teu Deus circuncidará teu coração e o coração de teus descendentes, para amares ao SENHOR teu Deus de todo o coração e com toda a alma para que assim possas viver”⁵⁹.

O *coração* do faraó, e o *coração* do ser humano teriam algo ainda hoje a nos comunicar, afinal? Será sempre no diálogo com Deus que o ser humano pode se questionar, repensar-se e ser desafiado, convidando a mudar para melhor a sua história. Mas não deixa de ser questionador também. “Justamente quando escuta o coração é sábio e inteligente”⁶⁰. Com isso, surge a pergunta decisiva do profeta: “Por que endureceríeis o vosso coração como o fizeram (alguns) egípcios e o faraó?”⁶¹

O Deus de Israel, por sua vez, parece até tolerar demais a opção do faraó. Já que este último insiste, de forma inegociável, na obstinação de seu coração, no final, o Senhor o ajuda justamente nisso. Mas Deus definitivamente não está disposto a negociar a liberdade de seu povo, dos oprimidos. Ou seja: a última palavra a respeito da liberdade dos miseráveis não pertence ao opressor, mesmo que isso inclua a morte antecipada de quem oprime.

Considerações Finais

“A Bíblia não é um depósito de conceitos. A sua língua é predominantemente narrativa e poética... Ela não quer falar, por exemplo, da sarça ardente: ela quer fazer arder”.⁶² Ao confirmar essa verdade na interpretação da Bíblia, desejo que ao contemplar mais de perto o *coração do faraó*, também a partir da escuta de exegetas judeus, esta reflexão possa nos ajudar a, num primeiro momento, fazer um check-up ao nosso próprio *coração*, fazendo-o pulsar mais atento no ritmo da Palavra de Deus: colocando nosso *coração* naquilo que devemos colocar, nos seus projetos de misericórdia e de liberdade para todos, assim como está escrito no Livro dos Provérbios: “Meu filho, dá-me o teu coração, e que teus olhos gostem

⁵⁹ Dt 30,6.

⁶⁰ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*, 1983, p. 90.

⁶¹ 1Sm 6,6.

⁶² MENDONÇA, José Tolentino. *A Sexualidade na Bíblia: morfologia e trajetórias*. 2007, p. 38.

dos meus caminhos".⁶³ . Num segundo momento esperamos influenciar positivamente naquilo que o Irmão Pierre Lenhardt, NDS, dizia sobre a importância das fontes judaicas para um cristão, pois os estudos judaicos podem de fato "levar a rever muitas conclusões da exegese e da teologia".⁶⁴ Dialoguemos sempre mais com essas raízes santas⁶⁵ das fontes judaicas para melhor entendermos nossa identidade cristã que delas provém e para melhor usufruir desse vasto patrimônio cultural e ético que herdamos juntos.

REFERÊNCIAS

- FIELDS, Harvey J. **La Torah commentée pour notre temps. L'Exode et Le Levitique**. Paris, 2015.
- GOLDIN, Shmuel. **Unlocking the Torah Text, and In-depth Journey into the Weekly Parasha, Shemot**. Jerusalem: Gefen publishing, 2008.
- GRENZER, Matthias. **O projeto do êxodo**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GROSS, Fernando. **O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga**. 2ª ed. São Paulo: Fons Sapientiae/CCDEJ, 2014.
- LEIBOWITZ, Nehama. **New Studies in Shemot Exodus**. Jerusalem: The Jewish Agency, 1996.
- LENHARDT, Pierre. **À escuta de Israel, na Igreja: "porque de Sion sai a Torá e de Jerusalém a Palavra do Senhor" (Is 2,3)**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2020.
- LUSTIGER, Arnold. **Chumash with commentary based on the teachings of Rabbi B. Soloveitchik – Sefer Shemos**. New York: Oupress, 2014.
- MENDONÇA, José Tolentino. A Sexualidade na Bíblia: morfologia e trajetórias. Braga, **REVISTA THEOLOGICA**, 2.ª Série, 42, 2 , 2007.
- SARNA, Nahoum M. **Exploring Exodus: The Heritage of Biblical Israel**. New York: Schocken Books, 1986.
- STERN, Yosef. *Chasam Sofer. Commentary on the Torah. Shemot*. Art Scroll Judaica Classics, New York, 1996.

⁶³ Pv 23,26.

⁶⁴ LENHARDT, Pierre. *À escuta de Israel, na Igreja: "porque de Sion sai a Torá e de Jerusalém a Palavra do Senhor" (Is 2,3)*. 2020, p. 22.

⁶⁵ Rm 11,16.

WIGODER, Geoffrey . **Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme**. Paris: Cerf /Robert Laffont, 1996.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1983.